

A tardia e conflituosa recepção do Concílio Vaticano II na diocese de Campos dos Goytacazes.

Vinícius Couzzi Mérida¹

Resumo: O Concílio Vaticano II teve por missão colocar a Igreja Católica em diálogo com o mundo moderno suplantando questões que não foram resolvidas desde o advento da Revolução Francesa, ainda no século XVIII. Entretanto, houve dentro da Igreja diferentes interpretações quanto a este evento: o grupo dos progressistas entenderam o Concílio como sendo o início de uma nova Igreja, sem ligação com os outros vinte Concílios que marcaram a doutrina Católica ao longo de dois milênios. Houve aqueles que entenderam o Concílio Vaticano II como elo entre a Igreja do século XX em diálogo com o mundo moderno, mas sem perder a sua continuidade enquanto instituição bimilenar e houve ainda o grupo dos ultramontanos que interpretaram o 2º Concílio do Vaticano como uma manobra progressista para a autodestruição da Igreja. Neste último grupo, destacam-se dois nomes: Dom Antônio de Castro Mayer e Monsenhor Marcel Lefebvre. Desta forma, estes irão marcar a história do Catolicismo no século XX, em função das diferentes interpretações que marcaram este que foi o maior evento cristão do século.

Palavras-chave: *Aggiornamento*, cisma, modernidade, progressismo, diocese de Campos, tradicionalismo.

Introdução

A Igreja Católica é uma instituição planetária e bimilenar, e por reunir diferentes pensamentos, sua história é marcada pela divisão. Entretanto, a Igreja sempre teve a preocupação com a unidade dos seus membros. Desta forma, a figura do Papa é fundamental para esta unidade, pois ele sempre reuniu em torno de si os católicos espalhados pelo mundo todo, procurando minimizar as divisões internas da Igreja católica Romana.

O Concílio Vaticano II foi um destes eventos em que a Igreja reuniu em torno do Papa toda a cristandade católica. Neste evento, realizado em quatro sessões, a Igreja reformou sua liturgia, o diálogo com diferentes profissões de fé e até mesmo com o mundo. Naturalmente, por representar uma reforma significativa, os setores conservadores reprovaram estas mudanças. Não obstante a estas reprovações, havia a preocupação com a unidade em torno da figura do Pontífice Romano, entretanto, dois bispos esgotaram todas as possibilidades de diálogo e unidade com a Santa Sé e foram às últimas consequências causando um cisma católico naquilo que ficou

¹ Graduado em História e pós-graduado em Política Brasileira pelo Centro Universitário São José de Itaperuna e Mestrando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória. viniciusmerida@gmail.com

conhecido como movimento tradicionalista. O arcebispo francês Marcel Lefebvre e o bispo de Campos dos Goytacazes, Dom Antônio de Castro Mayer chamaram atenção de todo o mundo católico, pois reprovaram as deliberações do Concílio Vaticano II, questionando sua legitimidade e permanecendo fieis ao Concílio de Trento. Assim sendo, dentro de uma perspectiva de História Local, a diocese de Campos dos Goytacazes tornou-se uma realidade singular no mundo e por isso é o objeto de análise deste artigo.

O Contexto Histórico do Concílio Vaticano II e o *Aggiornamento* da Igreja.

Em 25 de janeiro de 1959, após a celebração de uma missa para a unidade de todos os cristãos, e por ocasião da festa da conversão de São Paulo Apóstolo celebrada na Basílica de São Paulo Extramuros, o Papa João XXIII, diante do Sacro Colégio dos Cardeais, anunciou ao mundo sua intenção de realizar um Concílio Ecumênico. Este anúncio surpreendeu a todos, pois o Cardeal Angelo Giuseppe Roncalli assumira a função de Papa com o nome de João XXIII aos 77 anos de idade, e por ser um Papa idoso ele era entendido como Papa de transição². Não obstante a isso, o Dogma da Infallibilidade Papal³, promulgado no Concílio Vaticano I (1869-1870) por Pio IX, convenceu a Cúria Romana de que não haveria mais a necessidade de um novo Concílio dentro da Igreja Católica, desta forma o próprio Papa seria capaz de realizar todas as mudanças pelas quais a Igreja precisasse passar. Assim sendo, o colégio dos Bispos, espalhados pelo mundo todo, perderia sua influência dentro de Roma, fortalecendo o poder do Papa e da própria Cúria Romana.

O discurso de condenação e reprovação feito pela Igreja a respeito do mundo nos últimos quatro séculos já não se sustentava mais, e a Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, para convocação do Concílio em 25 de janeiro de 1961, evidencia bem a preocupação do Papa João XXIII em relação à Igreja e ao mundo:

² Normalmente, quando um Papa fica muitos anos na Cátedra de Pedro, caso de Pio XII (1939-1958), os Cardeais elegem Cardeal mais idoso, chamado Papa de transição.

³A infalibilidade papal afirma que o Papa, em comunhão com o Sagrado Magistério, quando se pronuncia *ex cathedra* solenemente algo em matéria de Fé e Moral. Na clarificação solene e definitiva destas matérias, o Papa goza de assistência sobrenatural do Espírito Santo que o preserva de todo o erro.

A Igreja assiste, hoje, à grave crise da sociedade. Enquanto para a humanidade surge uma era nova, obrigações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas da sua história. Trata-se, na verdade, de pôr em contato com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno: mundo que se exalta por suas conquistas no campo da técnica e da ciência, mas que carrega também as consequências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus. Por isso, a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral. Daí, enfraquecer-se o anseio pelos valores do espírito e crescer o impulso para a procura quase exclusiva dos gozos terrenos, que o avanço da técnica põe, com tanta facilidade, ao alcance de todos; e mais ainda - um fato inteiramente novo e desconcertante - a existência do ateísmo militante, operando em plano mundial.⁴

À luz deste discurso, é possível constatar que naquele momento, a Igreja não estava indiferente ao mundo, e João XXIII, por meio de um novo Concílio, possibilitaria um diálogo com o mundo moderno e não mais um discurso de condenação como fora no Concílio de Trento, quando os promotores da Reforma Protestante e seus seguidores foram excomungados, e no Concílio Vaticano I, quando inserida em um contexto de secularização, o Papa Pio IX estava preocupado em condenar o modernismo e reafirmar a autoridade Papal na Igreja e no mundo.

João XXIII, em seu discurso de convocação, diz muito sobre seu entendimento da Igreja, e ao mesmo tempo diz muito sobre os Papas que o antecederam, em especial os Papa Pio IX (1846-1878), Pio X (1903-1914) e Pio XII (1939-1958). Estes Papas tiveram um pensamento muito conservador, e ao analisarmos seus discursos tornados públicos em catequeses, encíclicas e Constituições Apostólicas é possível perceber um mundo em franca transformação, e uma Igreja contrária às transformações históricas da sociedade e temerosa de que a modernidade chegasse dentro a Igreja, tirando sua autoridade interna e até mesmo diante dos fiéis pelo mundo. Por isso, os conservadores entendiam que a modernidade representava a fragilização do Magistério da Igreja, e neste aspecto, o discurso conservador não deixa margem para dúvidas.

Embora tenha ocorrido entre 1962 e 1965, o período que antecede o Concílio Vaticano II foi um longo período⁵ e de grandes transformações. Desde o final do

⁴ Constituição Apostólica *Humanae Salutis* para a convocação do Concílio Vaticano II em 25 de dezembro de 1961. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acessado em 01 de maio de 2015.

⁵ A pesquisa sobre o Concílio Vaticano II segue a linha da História de longa duração, na mesma perspectiva do historiador Fernand Braudel da escola dos Annales.

século XVIII, com a Revolução Francesa (1789), as sociedades europeias mudaram muito, e os ideais iluministas de Igualdade, Liberdade e Fraternidade se espalharam pelo mundo, e naturalmente, a Igreja não poderia ficar alheia a estas transformações, mesmo que reprovando em um primeiro momento, já que a Igreja fora diretamente tocada na França do século XIX, em decorrência desta Revolução.

O discurso de *Aggiornamento*⁶ da Igreja, feito no início da década de 60 por João XXIII era profundo, pois a Igreja deveria dialogar não somente com as transformações ocorridas nos séculos XIX e XX.

Em face a estes eventos, o Concílio Vaticano I, que foi interrompido em 1870 por causa da guerra franco-prussiana, buscou afirmar a fé católica em uma Europa que vivia um processo de secularização⁷ em função do crescimento industrial, fortalecimento do capital, descobertas científicas e consequente busca pela razão, haja visto o darwinismo, o racionalismo e o positivismo. Daí, este Concílio ter sido entendido como antiliberal, antissocialista, antidemocrático, antimodernista, centralista e a favor da infalibilidade Papal.⁸

A Revolução Industrial que começou na Inglaterra do século XVIII, se expandiu para outros países da Europa no século XIX, assim, a burguesia ganhou destaque social e maior participação política na Europa, em função do acúmulo de capital. A expansão industrial foi além da esfera geográfica, foi também uma expansão tecnológica. Ao carvão e ao ferro juntaram-se também a eletricidade e o petróleo, e assim, houve um desenvolvimento da Química, Física e Matemática enquanto ciência.

Esta Revolução tecnológica fomentou o capitalismo a se expandir para outros países além da Europa como o Japão e os Estados Unidos, e a expansão Imperialista protagonizada pelas potências industriais europeias, quando nações africanas e asiáticas foram ocupadas territorialmente e exploradas por grandes companhias capitalistas, em busca de matéria prima, mercado consumidor e mão-de-obra barata, fortalecendo ainda mais o mercado europeu.

⁶ Palavra italiana que quer dizer atualização. Esta palavra foi a proposta do Papa João XXIII, e marcou muito a identidade do Concílio Vaticano II.

⁷ Entende-se por secularização “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”. BERGER, P. LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1985.

⁸ARRAES, V.C . De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da renovação durante a Guerra Fria. Revista de Informação Legislativa, Brasília-DF, v. 42, n.165, p. 77-98, 2005.

Não obstante a ascensão burguesa existe a classe proletariada que é o motor deste grande sistema integrado, onde nem todos gozam dos mesmos privilégios sociais e poder de compra. Através da observância desta sociedade desigual, surgem os pensadores que irão propor uma nova dinâmica social a fim de diminuir e até extinguir as diferenças sociais entre ricos e pobres, pregando a igualdade social, como o Socialismo Científico, o Marxismo e o Anarquismo. Nestas linhas de pensamento, a sociedade deveria ser mais horizontalizada, e conseqüentemente, o poder eclesiástico seria diretamente afetado por ser uma sociedade hierarquizada. Estas ideias ganharam um lugar prático no século XX, quando em 1917 a Revolução Bolchevique implantou o Socialismo na Rússia. Ao longo deste século iremos verificar outras revoluções operárias com a mesma finalidade.

Por isso, ao falar sobre Concílio Vaticano II, é fundamental que haja uma contextualização histórica que toca estes dois séculos, XIX e XX, porque foi um longo período de profundas transformações. Entretanto, o posicionamento da Igreja foi temeroso diante do advento de novas correntes filosóficas, e não por coincidência, o século XIX e a primeira metade do século XX foram marcados por Papas conservadores⁹ que temiam que a ortodoxia católica se fragilizasse diante dos movimentos e revoluções que mudaram a mentalidade europeia neste período. Daí, o posicionamento conservador classificar este período histórico de anticlerical.

Ao assumir o Papado, em outubro de 1958, João XXIII entendeu que a Igreja deveria viver um árduo processo de *Aggiornamento*, pois não acompanhara o “bonde da história” nos últimos cem anos.

O Concílio e suas diferentes interpretações.

O Concílio Vaticano II durou três anos e foi dividido em quatro sessões. A cerimônia inaugural ocorreu em 11 de outubro de 1962 e a última sessão foi encerrada em 08 de dezembro de 1965. Em 1963, João XXIII faleceu, e coube ao Cardeal Giovanni Battista Montini, eleito Papa com o nome de Paulo VI, a função de dar seqüência à proposta de *Aggiornamentoda* Igreja.

⁹ Estes Papas irão servir de referencial teológico para legitimar a resistência ao Concílio Vaticano II por Dom Marcel Lefebvre e Dom Antônio de C. Mayer.

Confirmando o pensamento do Papa João XXIII, o Papa Paulo VI entendeu que o Concílio Vaticano II tinha quatro objetivos: a exposição da Teologia da Igreja, sua renovação interior, a promoção da unidade dos cristãos, e, enfim, o diálogo com o mundo contemporâneo¹⁰.

Influenciados por pensamentos seculares¹¹, os padres conciliares¹² mais progressistas queriam nortear a Igreja, aplicando à Teologia os seus pensamentos, e o Concílio seria a ocasião ideal para que as ideias progressistas fossem disseminadas com eficiência dentro da Igreja e espalhadas por todo o mundo católico pós Conciliar. Neste aspecto, merecem destaque o trabalho e a participação do arcebispo de Recife e Olinda Dom Helder Pessoa Câmara; do Cardeal Belga Leo Josef Suenens, arcebispo de Malinas-Bruxelas; do Cardeal Bernardus Johannes Alfrink, primaz da Igreja na Holanda; do Cardeal Julius Döpfner, arcebispo de Munique; do Cardeal francês Achilles Liénart, Bispo de Lille; Agostino Bea, Cardeal responsável pelo ecumenismo e demais padres conciliares do norte da Europa e América Latina.

Na posição oposta ao pensamento progressista, havia vários bispos conservadores: Alfredo Ottaviani, Cardeal presidente da Suprema Sacra Congregação do Santo Ofício; Michael Browne, superior dos Dominicanos; Ernesto Ruffini, arcebispo de Palermo; Dino Staffa, secretário da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades; Guiseppe Siri, Cardeal de Genova; Enrico Dante, pró-secretário da Sagrada Congregação dos Ritos; Pietro Parente, assessor do Santo Ofício; Geraldo de Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina entre 1961 e 1980 e secretário *Coetus Internationalis Patrum*, este grupo aplicou-se:

Ao estudo dos esquemas para rebater, o mais das vezes, as propostas e argumentos da corrente majoritária no Concílio... D. Antônio, sendo portavoz do integrismo teológico-pastoral foi responsável por 30 intervenções apresentadas na aula conciliar ou depositadas, por escrito, na secretaria do Concílio. D. Sigaud e D. Antônio receberam apoio na secretaria, dos membros da TFP (tradição, família e propriedade) presentes em Roma. O *Coe-*

¹⁰ ALBERIGO, Giuseppe. História dos Concílios Ecumênicos. 1ª edição. São Paulo. Paulus, 1995.

¹¹ Secular neste sentido, busca uma comunicação com o mundo moderno. Uma observância das necessidades do homem do século XX em todos os aspectos, não somente em matéria de fé, mas, na sua dimensão do tempo presente enquanto um indivíduo que tem anseios. Por isso, o Concílio Vaticano II, mais do que buscar condenar o mundo moderno, buscou este diálogo com os problemas sociais em cada parte do mundo. A este posicionamento pode ser verificado no discurso inaugural do Papa João XXIII em 11 de outubro de 1962. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acessado em 02 de janeiro de 2015.

¹² Termo usado para se referir aos Bispos que participaram do Vaticano II.

tus alcançou um eco significativo como no pedido de condenação do comunismo pelo Concílio¹³.

Entre os conservadores, arcebispo francês Dom Marcel Lefebvre e Dom Antônio de Castro Mayer¹⁴, bispo de Campos dos Goytacazes¹⁵ merecem destaque. Lefebvre era muito conservador, fundou e liderou da Fraternidade Sacerdotal São Pio X¹⁶ até 1991, ano do seu falecimento. Ele era contra as mudanças propostas pelo Vaticano II e a finalidade desta Fraternidade foi organizar o clero para resistir às reformas conciliares e conservar a liturgia tridentina, pois tanto Dom Lefebvre como Dom Antônio entendiam as reformas conciliares como influências diretas modernismo condenado por vários Papas anteriores a João XXIII.

Dom Lefebvre e Dom Antônio associaram o Vaticano II à Revolução Francesa e aos ideais de Igualdade, Liberdade e Fraternidade, e é justamente nesta interpretação do Concílio que se encontra a problemática deste artigo, porque participando do pensamento de Dom Lefebvre, Dom Antônio irá resistir às reformas conciliares, tornando a diocese de Campos dos Goytacazes uma realidade singular no mundo.

Estes dois bispos tradicionalistas insistem que os erros do mundo modernos, condenados pelos Papas Pio X e Pio XII estavam infiltrados na Igreja. A reforma certa da Igreja estaria no Concílio de Trento e a codificação litúrgica em Pio V. E da mesma forma que Monarquia Absolutista foi abalada pela Revolução Francesa a Igreja também seria abalada pelo modernismo. Por isso, Dom Antônio e Dom Lefebvre militaram conservação do catecismo de Trento.

Quando Paulo VI, na celebração da festa de São Pedro e São Paulo em junho de 1972, disse que “por alguma fissura a fumaça de Satanás entrou no templo

¹³ BEOZZO, J.O., Presença e atuação dos bispos brasileiros no Vaticano II in: GOLÇALVES, P.S.L.; BOMBONATO, V.I.,(org.) **Concílio Vaticano II, Análise e Prospectivas**, São Paulo, Paulinas, 2004, p. 155-156.

¹⁴ Segundo relato oral de Dom Fernando Arêas Rifan, Dom Antônio de Castro Mayer e Dom Marcel Lefebvre tinham ideologias muito parecidas em relação ao Concílio, entretanto, após do Concílio não tiveram contato de imediato. Somente no início dos anos 80, 15 anos depois do término do Vaticano II, este contato foi restabelecido, tendo em vista, e se intensificou a partir de 1984 quando Dom Antônio rompeu com a TFP de Plínio Correa de Oliveira.

¹⁵ Diocese localizada nas regiões norte e noroeste do estado do Rio de Janeiro formada por 17 cidades: Aperibé, Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci, Campos dos Goytacazes, Cardoso Moreira, Italva, Itaperuna, Laje do Muriaé, Miracema, Natividade, Porciúncula, São Fidelis, São Francisco do Itabapoana, São João da Barra, Santo Antônio de Pádua, São José de Ubá e Varre-Sai.

¹⁶ A FSSPX, fundada por Dom Marcel Lefebvre em 1971 logo após ter sido aprovada pela Igreja, por decreto do Bispo de Lausana-Friburgo (Suíça).

de Deus” os conservadores relacionaram a influência maligna dentro da Igreja ao Vaticano II, e este foi seu principal argumento.

Os bispos conservadores reprovavam o fortalecimento das conferências episcopais do mundo todo em detrimento da Cúria Romana e da autoridade suprema do Papa, reafirmado durante o Concílio Vaticano I. Assim como o ecumenismo, a liberdade religiosa e principalmente a Reforma Litúrgica. Por isso mesmo, a “Missa Nova”, chamada pejorativamente pelos tradicionalistas, só foi oficialmente implantada nesta diocese no ano de 1981, quando dom Carlos Alberto Etchandy Gimeno Navarro¹⁷ substituiu Dom Antônio. Esta implantação se deu em meio a muitos conflitos, conforme evidenciam diferentes os jornais da época, relatos orais de religiosos e leigos que vivenciaram a situação e alguns livros publicados que serviram de fonte para este artigo.

Dom Lefebvre e Dom Antônio reprovavam o Concílio, chamavam a Igreja pós-conciliar de neoprotestante e se fundamentavam nos Papa conservadores dos séculos XIX e XX para condenarem às reformas conciliares chamadas de modernistas, pois, em muitos lugares houve mudanças profundas na celebração da liturgia. Em muitos lugares a Igreja deixou de ser um local de fé para se tornar um local onde problemas sociais eram abordados sob a orientação do clero progressista. Dessa forma, muitas comunidades católicas se voltaram demasiadamente para as realidades sociais e para o posicionamento partidário com influência marxista, e este posicionamento foi comum na América Latina com a Teologia da Libertação¹⁸, chamada também de marxismo católico.

Entre os adeptos da Teologia da Libertação, destacam-se religiosos e teólogos por toda América Latina, como os irmãos franciscanos Leonardo Boff e Clodovis Boff, o professor Rubem Alves, o jesuíta João Batista Libânio, Padre José Oscar Beozzo, a freira Ivone Gebara, Dom Helder Câmara, o Cardeal Dom Paulo Evaristo

¹⁷ Bispo auxiliar de Dom Eugênio de Araújo Salles na Arquidiocese do Rio de Janeiro, que veio para a diocese de Campos dos Goytacazes em 1981, e enfrentou muitos problemas com os 25 padres diocesanos que se recusavam a celebrar o *Novus Ordo Missae* de Paulo VI.

¹⁸ Movimento que surgiu na América Latina após o Concílio Vaticano II, que interpretam os ensinamentos de Jesus Cristo em termos de uma libertação de injustas condições econômicas, políticas ou sociais. Ela foi descrita como reinterpretação analítica e antropológica da fé cristã, em vista dos problemas sociais. Entretanto, este entendimento teológico é descrito como marxismo, relativismo e materialismo cristianizado pelos setores conservadores da Igreja, e o próprio Vaticano sempre enxergou a Teologia da Libertação com restrições, para que as comunidades católicas não perdessem sua identidade católica, assumindo em caráter meramente materialista. A frase do Monsenhor Oscar Romero evidencia o espírito da Teologia da Libertação "a missão da Igreja é identificar-se com os pobres. Assim a Igreja encontra sua salvação."

Arns; o uruguaio Juan Luis Segundo, o nicaraguense Ernesto Cardenal Martínez, o peruano dominicano Gustavo Gutiérrez Merino, o haitiano Jean-Bertrand Aristide¹⁹, Jon Sobrino, o bispo salvadorenho Oscar Romero etc.

A Segunda Conferência Episcopal Latino Americana ocorrida em Medellín, na Colômbia entre 24 de agosto e 06 de setembro de 1968, foi aberta por Paulo VI,²⁰ e a Terceira Conferência Episcopal Latino Americana ocorrida em Puebla, no México, entre os dias 28 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979 foram dois eventos fundamentais para o entendimento mais social e progressista do novo pastoreio da Igreja na América.

Em relação à liturgia, a nova forma de celebrar a missa possibilitou ao celebrante uma maior liberdade na condução das celebrações, e por isso, muitos padres celebravam a missa de diferentes maneiras, e, alegando uma aculturação, em muitos lugares, os celebrantes não seguiam as orientações do Novo Missal Romano, adequando-se à realidade do lugar onde a missa era celebrada²¹. Por isso, o clero conservador reprovava a conduta dos padres que procediam assim.

Além a Reforma Litúrgica, os tradicionalistas condenavam o ecumenismo e a liberdade religiosa, que colocava a Igreja em pé de igualdade com as demais confissões religiosas; Dom Lefebvre e Dom Antônio entendiam essa situação como uma humilhação da verdadeira religião em função das religiões falsas. Para eles, ao proceder assim, a Igreja negava a fé apostólica, o que resultaria inevitavelmente no esfriamento cristão, na deturpação da liturgia e no esvaziamento dos seminários, e estes dois últimos elementos de fato aconteceram em muitas dioceses pelo mundo inteiro, o contrário também aconteceu em muitas outras dioceses, por isso, não se pode dizer que o Concílio foi nocivo ou que resolveu todos os problemas pré-conciliares, o que se verificou de fato foi uma Igreja mais aberta ao mundo contemporâneo e mais atenta às realidades sociais por todo o mundo.

Dom Antônio de Castro Mayer: Biografia, participação no Concílio e Bispo de Campos

¹⁹ Padre Salesiano que deixou a Ordem em 1988 e se tornou presidente do Haiti em 3 períodos: 1991, 1994 a 1996 e 2001 a 2004.

²⁰ O tema de Medellín foi “A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II”.

²¹ Este entendimento litúrgico foi muito recorrente entre o clero ligado à Teologia da Libertação.

D. Antônio de Castro Mayer nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, em 20 de junho de 1904. cursou o seminário menor da Arquidiocese de São Paulo, em Bom Jesus do Pirapora, e o seminário maior no velho casarão do bairro da Luz. Ordenou-se sacerdote em Roma, em 30 de outubro de 1927. doutorou-se em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, em 1928, e de volta ao Brasil lecionou no Seminário de São Paulo durante 13 anos tanto filosofia como teologia. Em 1939 foi nomeado cônego catedrático do cabido de São Paulo. Em 1940 foi designado assistente geral da Ação Católica em São Paulo, e em 1942 Vigário Geral da Arquidiocese de São Paulo. Promoveu as semanas de Ação Católica para o clero, foi assistente eclesiástico e colaborador do “Legionário”, semanário católico da capital paulista com repercussão em todo o Brasil. Lecionou religião e doutrina social na faculdade de Direito e no Instituto *Sedes Sapientiae* ambas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Em 1948, o papa Pio XII elevou Mons. Antônio de Castro Mayer a bispo coadjutor de D. Otaviano Pereira de Albuquerque, arcebispo-bispo de Campos. Em virtude do falecimento deste, em 3 de janeiro de 1949, D. Antônio assumiu como bispo diocesano de Campos dos Goytacazes permanecendo até 1 de novembro de 1981, quando tornou-se emérito. Excomungado a 30 de junho de 1988 e morreu a 25 de abril de 1991.

Enquanto foi bispo de Campos, Dom Antônio foi um atuante com os problemas próprios do seu tempo, sempre seguindo uma linha conservadora. Sua atividade pastoral é marcada por cartas pastorais; pela fundação de um jornal local de cultura com tiragem semanal chamado “Catolicismo” em 1951, com tiragem semanal; pela criação dos seminários menor e maior; pelo incentivo à aquisição e manutenção de um canal de rádio confiado aos redentoristas chamado “Rádio Afonsiana”. Inegavelmente, trata-se de uma personalidade forte que foi capaz de formar padres, religiosos, religiosas e fieis que o seguiram até as últimas consequências. Além da estruturação da Diocese de Campos, Dom Antônio deixou um legado de excomunhão e cisma que exige uma reflexão séria sobre seu papel na história da Igreja Católica no Brasil, como é a proposta deste artigo.

A Igreja do Brasil assumiu um papel fundamental na preparação do Vaticano II e no *aggiornamento* da Igreja no pós-concílio. Bispos, presbíteros e leigos receptivos ao espírito conciliar tornaram-se agentes ativos de transformação social e de

reformulação da vida eclesial. Entretanto, a Diocese de Campos, seguindo as orientações do seu bispo, não agiu da mesma maneira.

Outro fator relevante na recepção do Concílio Vaticano II por parte de Dom Antônio foi seu conceito de Tradição. Para ele, a Tradição foi identificada por certas dogmáticas, rituais litúrgicos, ensinamentos codificados de modo que qualquer alteração aos ensinamentos do Concílio de Trento era interpretada como modernista e infiel a esta Tradição. Por isso, ele usava termos fortes como neomodernista e neoprotestante, justificando sua rejeição às decisões conciliares por serem contrárias à Tradição”, de modo que ele, ao lado de Marcel Lefebvre, assume o papel de guardião da Santa Tradição.

A chegada do Novo Bispo, a Conflituosa Implantação do Concílio e a Reconciliação na Diocese de Campos.

Com a chegada de Dom Carlos Alberto, a diocese de Campos se dividiu porque a maioria do clero diocesano, 25 padres no total, não aceitou a reforma litúrgica causando um grande cisma diocesano com repercussão mundial porque estes padres tradicionalistas se posicionaram publicamente contrários ao Concílio Vaticano II, de acordo com a formação recebida de Dom Antônio. Ao agirem assim, o clero tradicionalista não rompia somente com o novo bispo, mas rompia com a Igreja Católica enquanto instituição universal.

Eles condenavam publicamente o Concílio e orientavam seus paroquianos a não seguirem às orientações do novo bispo, que contou apenas com poucos padres diocesanos e algumas ordens religiosas para pastorear a diocese dividida, chamando muito atenção do Papa e da cúria romana. Desta forma, os primeiros anos do episcopado de Dom Carlos em Campos foram muito difíceis, pois além de contar com poucos padres diocesanos, ele ainda teve o constrangedor papel de retirar os padres tradicionalistas de suas paróquias e para tal, e valeu de ordens judiciais e auxílio de força policial.

Ainda na iminência da chegada de um novo bispo diocesano, um grupo de fieis de diferentes cidades da Diocese de Campos evidenciam total apoio e fidelidade a Dom Antônio e o desejo de continuarem no mesmo ritmo pré-conciliar, o Tri-

dentino. Eles afirmavam: “com sua excelência somos e queremos ser católicos tradicionais”; em seguida, afirmaram o modelo de Igreja que queriam conservar: apoio ao catecismo de Pio X; campanha pela moralização dos costumes e das vestes no recinto da Igreja e fora dele; respeito e fidelidade à tradição da Igreja; fidelidade à liturgia tradicional da Santa Missa Tridentina; formação tradicional dos seminaristas e padres; uso da batina; combate ao comunismo explícito e difuso e combate à vida mundana.

Campos e Écône se tornaram as bases mundiais para uma grande organização que mobilizou centenas de padres e milhares de fiéis contra o Concílio chamado de herético. O pedido de Dom Antônio ao Papa na carta abaixo, em 12 de setembro de 1969, evidencia seu posicionamento a respeito da nova liturgia:

“Tendo examinado atentamente o *Novus Ordo Missae* depois de muito rezar e refletir, julguei de meu dever como sacerdote e como bispo, apresentar a Vossa Santidade minha angústia de consciência, e formular, com a piedade e confiança filiais que devo ao Vigário de Jesus Cristo, uma súplica. O *Novus Ordo Missae*, pelas omissões e mutações que introduz no Ordinário da Missa, e por muitas de suas normas gerais que indicam o conceito e a natureza do novo missal, em pontos essenciais, não exprimem, como deveria, a teologia do santo sacrifício da Eucaristia... Cumpro, assim, um imperioso dever de consciência, suplicando, humilde e respeitosamente, a Vossa Santidade, se digne autorizar-nos a continuar no uso do *Ordo Missae* de Pio V, cuja eficácia na dilatação da santa Igreja e no afervoramento de sacerdotes e fiéis, é lembrada, com tanta unção por Vossa Santidade”.²²

Dom Antônio escreveu com respeito a carta, mas permaneceu em sua conduta conservadora até a sua morte. Embora a Reforma Litúrgica tenha tornado a celebração da Missa mais acessível, pois o padre celebraria de frente para a assembleia, em língua vernácula e com participação dos leigos, o rito Tridentino, celebrado em latim, de costas para a assembleia e sem participação dos leigos, foi entendida por Dom Antônio de Castro Mayer, como o modelo ideal, pois afirmava a ortodoxia católica com mais contundência e repelia qualquer diálogo ecumênico.

O Concílio trouxe mudanças expressivas e merecem destaque a reforma litúrgica com a promulgação do *Novus Ordo Missae*, o novo missal promulgado em 1969, a reforma da Liturgia das Horas²³, a tolerância à liberdade religiosa e o ecumenismo.

²²RIFAN, Fernando Arêas. Quer agrade, quer desagre. 1ª ed. Campos dos Goytacazes: Gráfica Lobo, 1999.

²³Consiste na oração cotidiana em diversos momentos do dia, através de Salmos e cânticos, da leitura bíblicas e das cartas Patrísticas seguindo os tempos litúrgicos do calendário cristão.

Dom Lefebvre e Dom Antônio entraram para a história do século XX como os dois bispos que desafiaram publicamente os Papas Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II, uma vez que criticaram abertamente o Concílio e sagraram sem autorização de Roma quatro bispos em Écône: o suíço Bernard Fellay, o francês Bernard Tissier de Mallerais, o inglês Richard Williamson e o espanhol Alfonso de Galarreta. Em um evento que chamariam “Estado de Necessidade”, pois tanto Dom Antônio como Dom Lefebvre já eram idosos e temiam que sua luta acabasse com suas respectivas mortes.

Para atender a União Sacerdotal São João Maria Vianney, em 28 de julho de 1991, aconteceu na cidade de São Fidelis, interior do estado do Rio de Janeiro, a sagração episcopal de Dom Licínio Rangel, na missa presidida por Dom Bernard Tissier de Mallerais, e assistido pelos bispos Alfonso de Galarreta e Richard Williamson, pois, Lefebvre e Mayer tinham falecidos em 25 de março de 1991 e 25 de abril de 1991, respectivamente.

A Sagração episcopal sem autorização do Vaticano é razão para a excomunhão, incorrendo todos os participantes em “*ipso facto*”²⁴ na excomunhão “*latae sententiae*”²⁵ caso este que se enquadraram Dom Lefebvre e Dom Antônio, visando perpetuar o tradicionalismo católico através da sagração de novos bispos, a ordenação de novos padres e a manutenção da fé de milhares de fiéis que escolheram continuar frequentando a missa tridentina. Embora, o padre Fernando Arêas Rifan²⁶ tenha feito uma publicação muito e contundente discordando da excomunhão:

“Cisma quer dizer ruptura, rompimento. Ruptura com a Igreja e com o seu chefe. Evidentemente quando o Papa está com a Igreja. Porque pode um Papa romper com a Igreja: neste caso ele é que é o cismático. Quanto ao axioma: onde está o Papa aí está a Igreja, vale quando o Papa se comporta como Papa e chefe da Igreja; em caso contrário nem a Igreja está nele nem ele na Igreja. Padre Fernando Arêas Rifan”²⁷

²⁴ Termo latino que significa que um efeito é consequência direta da ação em causa.

²⁵ Excomunhão em que o fiel incorre no momento que comete a falta contra a Igreja.

²⁶ Pe. Fernando Arêas Rifan é conselheiro e porta-voz da União Sacerdotal São João Maria Vianney. Convidado a dar palestras e participar de conferências nos Estados Unidos, Canadá e na Europa. Proferiu conferências nos Congressos Teológicos em Roma promovidos pelo jornal católico “Si Si No No”. Por ocasião do seu jubileu de prata sacerdotal escreveu o livro Quer Agrade Quer Desagrade, uma coletânea de vários artigos por ele escritos e publicados em diferentes épocas e em diversos órgãos da imprensa. Sua importância está no fato dele tornar-se, depois, o bispo administrador apostólico do grupo.

²⁷ (RIFAN, 1999, p 65-66).

Quando esta sagração aconteceu, Dom Carlos Navarro não era mais o bispo de Campos dos Goytacazes, ele saiu em 1990 para assumir a Arquidiocese de Niterói. Nesta ocasião, Dom João Corso²⁸ era o bispo. Nesta Sagração, tanto a Igreja diocesana de Campos como a CNBB ficaram alheias, pois o clero tradicionalista já não estava em comunhão com Roma.

Conclusão

A situação irregular dos padres tradicionalistas de Campos começou a incomodá-los, e este novo entendimento trouxe uma postura diferente da postura dos anos anteriores, assim, após 20 anos de resistência de Dom Antônio Mayer, dos 25 padres diocesanos e milhares de fiéis que lhe seguiram fielmente, em agosto de 2001, Dom Licínio Rangel escreveu ao Papa João Paulo II um pedido de perdão e seu desejo de voltar à comunhão com a Igreja Católica. O Papa aceitou este pedido, e em 18 de janeiro de 2002, foi realizada na Catedral Diocesana do Santíssimo Salvador, em Campos dos Goytacazes, uma celebração presidida pelo Cardeal Colombiano Dario Castrillón Hoyos, Prefeito da Sagrada Congregação para o Clero. Com esta celebração a União Sacerdotal São João Maria Vianney, conhecidos como “Padres de Campos”²⁹, voltava à comunhão com a Igreja Católica, e dessa forma, a União Sacerdotal tornou-se Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney sob o pastoreio de Dom Licínio Rangel.³⁰

Assim sendo, atualmente, em Campos dos Goytacazes a Igreja conta com dois bispos em plena comunhão com o Vaticano: Dom Roberto Francisco Ferreria Paz, bispo diocesano, e Dom Fernando Arêas Rifan³¹, que visa atender aos fiéis que frequentam à missa tridentina, toda liturgia, o catecismo do Concílio de Trento (1545-1563), e o entendimento pastoral da Administração Apostólica São João Maria Vianney. Esta situação torna a Igreja de Campos um fato singular dentro da Igreja

²⁸ Dom João Corso, salesiano, foi bispo diocesano de Campos entre 1990 e 1995. Faleceu em 15 de outubro de 2014 aos 86 anos.

²⁹ Dom Antônio de Castro Mayer e os 25 padres diocesanos que o seguiram na resistência ao Concílio Vaticano II foram conhecidos mundialmente como “Padres de Campos” nas décadas de 80, 90 e início do ano 2000, embora estivessem espalhados por diversas cidades do norte e noroeste fluminense.

³⁰ “Bispo sem jurisdição, apenas com poder de ordem, sem intenção de fazer uma diocese paralela e sem nenhuma intenção de fazer qualquer cisma na Igreja”.

Católica no mundo todo, conjugando as reformas conciliares do Vaticano II e a Tradição do Concílio de Trento.

Referências:

ALBERIGO, G. História dos Concílios Ecumênicos. 1ª edição. São Paulo. Paulus, 1995.

ARRAES, V.C . De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da renovação durante a Guerra Fria. Revista de Informação Legislativa, Brasília-DF, v. 42, n.165, p. 77-98, 2005.

BEOZZO, J.O. A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965. São Paulo. Paulinas, 2005.

BENQUET, P. CAMDESSUS, C. A Guerra Perdida do Vaticano II. [Filme-Vídeo]. Produção de Christine Camdessus e direção de Patrick Benquet. Paris. Canal France 3, 2012. 87 min. Color. Son.

BLAINEY, G. Uma Breve História do Cristianismo. 1ª ed. São Paulo: Fundamento Educacional Ltda, 2012.

_____, G. Uma Breve História do Século XX. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional Ltda, 2008.

BOMBONATTO, V.I. e GONÇALVES, P.L.(Org). Concílio Vaticano II: análise e perspectivas. São Paulo. Paulinas, 2004.

CALDEIRA, R.C. Os Baluartes da Tradição: O Conservadorismo Católico Brasileiro no Concílio Vaticano II. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2011.

COMBY, J. Para ler a História da Igreja II. De século XV ao século XX. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

FELÍCIO, M.R. Na viragem do século (XIX-XX): a crise modernista. Máthesis. Viseu, 2002.

FLEICHMAN, L. Tradição versus Vaticano: Dossiê Completo das Negociações Entre Mgr. Lefebvre e o Vaticano 1988-2001. Niterói: Permanência, 2001.

FLORISTÁN, C., Verbete: Vaticano II, in: SAMANES, C.F. e TAMAYO-COSTA, J-J., (direção), Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo, São Paulo, Paulus, 1999, p. 878-879.

HOBSBAWN, E. Era dos Extremos: O Breve Século: 1914-1991. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LEFEBVRE, M. 1905-1991. Do Liberalismo à Apostasia: A Tragédia Conciliar. 2ª ed. Niterói: Permanência, 2013.

LEMAITRE, N. QUINSON, M.T. SOT, V. Dicionário Cultural do Cristianismo. São Paulo: Ed. Loyola, 1999

MATTEI, R. O Concílio Vaticano II: Uma História Nunca Escrita. 1ª ed. São Paulo: Ambientes e Costumes, 2013.

MAYER, A.C. 1904-1991. O Pensamento de Dom Antônio de Castro Mayer: Compilação de Artigos entre 1972-1991. 1ª ed. Niterói: Permanência, 2010.

_____, A.C. 1948-1988. Quarenta Anos de Episcopado. 1ª ed. Itaperuna: Dama-dá, 1988.

_____, A.C. Por um Cristianismo Autêntico. 1ª ed. São Paulo: Vera Cruz, 1971.

MÉRIDA, V.C. O CONCÍLIO VATICANO II E OS MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA: Reflexos na Diocese de Campos dos Goytacazes. 2006. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro Universitário Padre Humberto, Itaperuna, 2006.

MEDEIROS, W.S. Concílio Vaticano I (1869-1870): Centralização do Catolicismo. Revista Eletrônica Discente de História.com. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Cruz das Almas, Ano 1, Volume 1, página 3, 2013.

ORGANDIS, J. Breve História do Cristianismo. 2ª ed. Lisboa, Rei dos Livros, 1993.

RIFAN, F.A. Quer agrade, quer desagrade. 1ª ed. Campos dos Goytacazes: Gráfica Lobo, 1999.

_____, F. A. Orientação Pastoral, O Magistério Vivo da Igreja. 1ª ed. Campos dos Goytacazes. Sem Editora, 2007.

_____, F. A., Esclarecimento sobre a Sagração de Bispos, conferida por S. Exa. o Arcebispo Dom Marcel Lefebvre, in: [HTTP://www.fsspx-brasil.com.br/page%2010-le-esclarecimento-sagracao-bispos.htm](http://www.fsspx-brasil.com.br/page%2010-le-esclarecimento-sagracao-bispos.htm), Campos, 1988.

SILVA, W.T. Diálogo por cima dos muros: as encíclicas de João XXIII e o desenvolvimento católico brasileiro. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Araucária, Ano III, n. 8, p. 211-225, Set. 2010.

WILTGEN, R. O Reno se lança sobre o Tibre: O Concílio desconhecido. 1ª ed. Niterói: Permanência, 2007.